

A proclamação da diferença: um balanço da produção acadêmica sobre a história dos protestantismos no Brasil

Eduardo Gusmão Quadros¹

DOI: 10.4025/rbhranpuh.v8i24.30187

Resumo: Este artigo apresenta uma avaliação dos estudos de história do protestantismo produzidos nos Programas de Pós-graduação em História e em Ciências das Religiões das universidades brasileiras. Apresenta-se um quadro geral dos temas de pesquisa, desde o ano 2000, e observa-se mais acuradamente algumas abordagens metodologicamente inovadoras.

Palavras-chave: Protestantismo; História; Universidade; Pós-graduação

The predicament of difference: a survey of academic production about Protestantism history in Brazil

Abstract: This article aims describe an assessment in studies of history of Protestantism produced in postgraduate programs of History and Science of religions, in Brazilian universities. We present a general framework for this research, since 2000, and observe more accurately some innovative approaches methodologically in curse.

Keywords: Protestantism; History; University; Postgraduate Programs

La proclamación de la diferencia: un balanço de la producción académica acerca de la historia de los protestantismos en Brasil

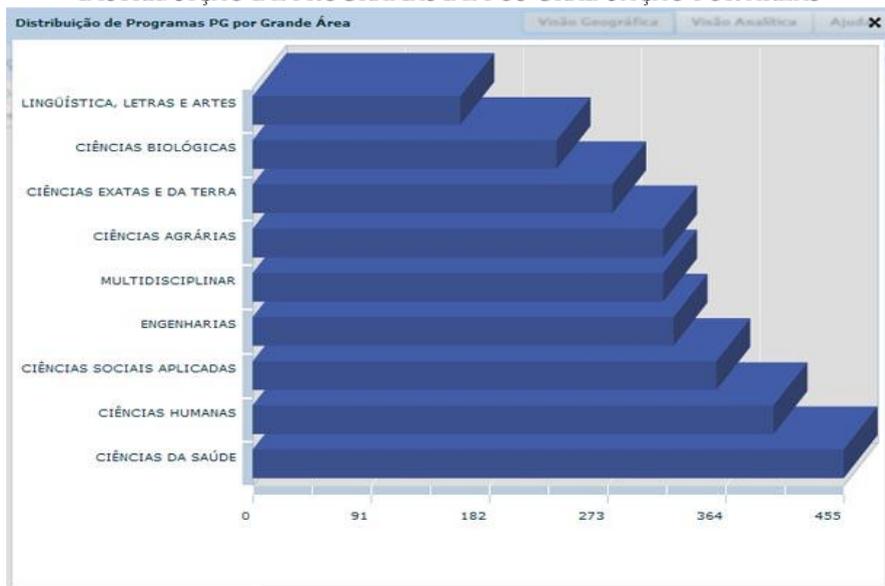
Resumen: Este artículo presenta una evaluación de los estudios acerca de historia de protestantismo en programas de postgrado en las universidades brasileñas en las áreas de Historia y Ciencias de las Religiones. Presenta un cuadro general de temas para la investigación, desde el año 2000, y se observa con más precisión algunos de los enfoques innovadores en términos de lo método y de fuentes.

Palabras clave: Protestantismo; Historia; Universidad; Postgrado.

Recebido em 17/12/2015- Aprovado em 15/01/2016

¹ Doutor em História pela Universidade de Brasília. Professor do departamento de História da Universidade Estadual de Goiás e da Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: eduardo.hgs@hotmail.com

TABELA II
DISTRIBUIÇÃO DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO POR ÁREAS



Fonte: GEOCAPES (<http://geocapes.capes.gov.br/geocapes2/>)

No caso específico da área de História, a que nos dedicamos prioritariamente nesse artigo, são sessenta e cinco programas, trinta e quatro deles com o nível de doutorado. Como os estudos acerca dos movimentos protestantes não são tantos, somaremos nesta análise os trabalhos produzidos em Programas de Pós-graduação em Ciências da Religião que possuam perfil histórico. Atualmente, são onze programas no Brasil, cinco com doutoramento, e estes possuem pesquisas consolidadas acerca do mundo evangélico².

Visão geral

A ferramenta básica de pesquisa foi a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, administrada pelo Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia (www.bdt.d.ibict.br). Ao digitar o termo **protestantismo**, somos direcionados para cento e quarenta e sete (147) dissertações de mestrado e para 47 teses de doutorado de trinta instituições distintas. Ao buscar com o termo **evangélico**, encontramos um pouco mais

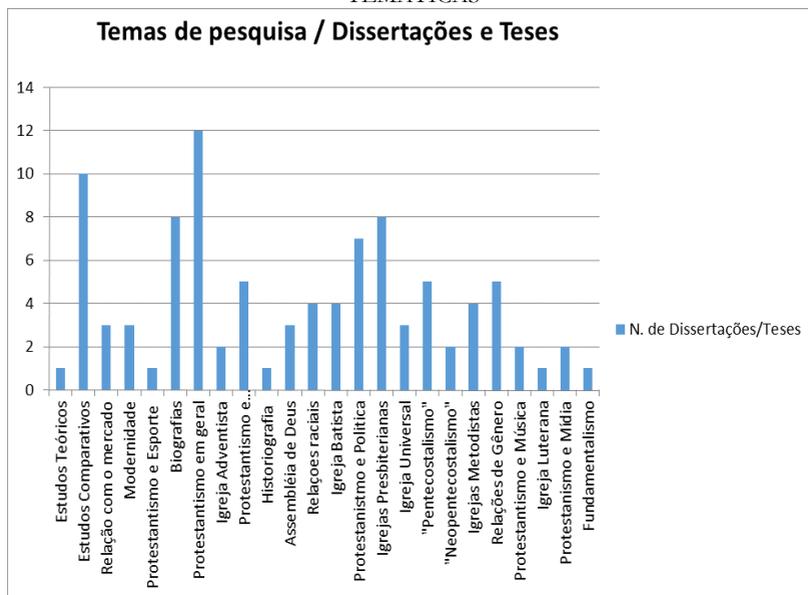
² Utilizaremos o termo evangélico como sinônimo de protestante para indicar grupos religiosos que se consideram, de algum modo, herdeiros da Reforma do século XVI. Essa utilização tem sido comum tanto na mídia quanto na literatura acadêmica e, deste modo, evitaremos as controvérsias específicas das brigas denominacionais.

de dissertações, cento e setenta e sete, mas o número de teses e de instituições permanece o mesmo. O banco de teses da CAPES é bem mais limitado, estando publicadas menos da metade destes trabalhos, o que nos levou a deixar de lado este outro mecanismo de consulta.

As teses e dissertações são de diversas áreas acadêmicas, obviamente predominando as Ciências Humanas e a Teologia. O site desconsiderou grande parte da produção mais antiga, com exceção do trabalho de Rubem Alves, *Protestantismo e Repressão*, de 1977. Boa parte é posterior a 1996, sendo que para os fins deste artigo, não consideraremos os com data anterior ao ano 2000.

Em um levantamento geral da temática do banco de dados do IBICT, selecionamos noventa e oito trabalhos relativos a nosso interesse temático relacionado à abordagem histórica. Eles se distribuem, aproximadamente nas temáticas abaixo:

TABELA III
DISTRIBUIÇÃO DAS TESES E DISSERTAÇÕES POR ÁREAS TEMÁTICAS



Difícil classificar os trabalhos em uma só temática, é verdade, mas o esforço feito destina-se a apresentar uma visão geral. Podemos dar um exemplo com a dissertação de Jamilly da Cunha Nicácio, intitulada *A presença feminina na ação educacional presbiteriana no Brasil do século XIX*, defendida na Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), em 2011. Podemos inseri-la nas categorias “relações de gênero”, na “Protestantismo e Educação” e nos estudos do mundo presbiteriano. Optou-se pelo último grupo por questões práticas, mas não deixa de ser um critério bastante subjetivo.

Os “estudos comparativos” se dividem em dois tipos básicos. Predominam os estudos que tratam de conflitos e perseguições (cinco trabalhos), seguidos pelos que comparam movimentos protestantes e católicos. Há comparações entre as denominações evangélicas, mas só encontramos uma pesquisa que preenchia nossos critérios³. A perspectiva de trabalhar os conflitos entre grupos religiosos assume um tema clássico dos relatos protestantes, mesmo que os trabalhos critiquem os preconceitos mútuos evocados. Falta, geralmente, uma abordagem ampla, própria do *campo religioso*, como propôs Pierre Bourdieu (1982), onde as tensões constituem as estratégias de cada grupo. A perspectiva de uma *história cruzada* (WERNER, M e ZIZERMANN, B. 2003), na qual um grupo define necessariamente o outro, está mais distante ainda das análises.

O item “protestantismo em geral” costuma apresentar abordagem comparativa bem como tratar de aspectos gerais do mundo evangélico. Contudo, sua principal característica é focar um período determinado, geralmente mais recuado. Um exemplo pode ser dado pela tese de Lyndon A. Santos, *As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na primeira república brasileira*, defendida no departamento de História da UNESP em 2005.

Os temas tradicionais da história, como a biografia e o enfoque a partir da política possuem destaque na produção acadêmica. As biografias costumam estudar a história das ideias de algum personagem ou traçar trajetórias a partir do destaque em alguma área. O campo da política tende a ser abordado de forma conservadora também. No caso, refere-se ao estado, aos cargos eletivos principalmente. Nesse aspecto, claro, a experiência mais recente no país está refletida nos estudos e para a historiografia isso significa um maior diálogo com as transformações atuais.

Neste ponto, pode-se dar destaque, igualmente, aos estudos destinados ao “pentecostalismo” e ao “neopentecostalismo”. Só que o conceito aparece generalizado em muitos títulos e resumos. Isso os diferencia das pesquisas acerca de grupos específicos. Parece que esconde no critério classificatório certo preconceito ao recortar o fenômeno, rotulá-lo e generalizá-lo, semelhante às denúncias que Michel de Certeau (1990) fez ao conceito de “popular”. Valoriza-se isolando dos demais grupos evangélicos.

Por sinal, isso tem marcado a historiografia do fenômeno pentecostal. Ressalte-se que isso ocorre há tempos, desde a obra pioneira de Hollenweger (1976) que, ao analisa-lo em termos globais, chegava a “explicação” de que era uma manifestação africana no mundo dos brancos, até o recorte de Pablo Deiros (1992) que aproximava os

³ Trata-se da dissertação de mestrado feita por Gledson Ribeiro de Oliveira, intitulada *Bodes, Hereges, Irmãos – Igrejas presbiterianas e batistas do primeiro novecentos*, defendida na Universidade Federal do Ceará em 2012.

movimentos “heterodoxos” do catolicismo popular e do protestantismo popular na última parte de sua história do cristianismo latino-americano.

Quanto aos grupos específicos, temos a predominância de estudos sobre os presbiterianos e batistas. No caso dos presbiterianos, a denominação possui uma Universidade, a Mackenzie, onde há pós-graduação em Ciências da Religião, e uma parte dos estudos acerca do campo presbiteriano (Igreja Presbiteriana do Brasil, principalmente) provém dali. Mas no caso dos Batistas, eles não possuem uma pós-graduação na área. Isso nos faz crer que o peso maior não decorre necessariamente deste fator, mas do perfil intelectualizado e de classe média destas denominações. Pode-se contrapor, por exemplo, com a Universidade Metodista, que possui o programa em Ciências da Religião mais antigo do país, mas não possui tanto destaque na historiografia, o que é válido igualmente para os luteranos. Supõe-se, ainda, que uma característica identificada por Rubem Alves (1984) na década de oitenta permanece atual: os estudos acerca do protestantismo tradicional são feitos, majoritariamente, por pessoas afiliadas aos próprios grupos. Com a Igreja Universal do Reino de Deus, apesar da importância ímpar que tem no campo religioso contemporâneo, essa não tem sido a regra.

Um avanço recente, inidentificável na tabela, são os estudos a partir das relações de gênero e enfocando as relações raciais nas denominações. Essa perspectiva aponta para a produção do conhecimento histórico a partir do engajamento sócio-político atual, mesmo que seja difícil deixar de lado certos anacronismos na análise das fontes. Reflete, também, a abertura acadêmica para tais temas, que costuma possuir grupos de estudo específicos, linhas de pesquisa e financiamentos promovidos pelos agentes financiadores da pesquisa científica brasileira.

A ausência de estudos mais teóricos-conceituais e de historiografia é notada, mas deve-se levar em consideração que essa reflexão ainda é recente, mesmo considerando-se os estudos históricos em geral⁴. Ainda que incluíssemos as pesquisas sobre o catolicismo, ou as religiões em geral, tal reflexão seria igualmente pífia, pois ela é produzida majoritariamente no formato de artigos, não nas teses e dissertações.

Unidades temáticas

Podemos exemplificar partilhando algumas impressões acerca dos trabalhos, de modo a fornecer aos leitores dados mais específicos sobre os modos que se tem enfrentado epistemologicamente estas variações temáticas. A tese de Margarida Fátima de Souza Ribeiro, intitulada *Rastros e rostos do protestantismo brasileiro: uma historiografia de mulheres metodistas* é uma boa porta de entrada por partir de uma reavaliação historiográfica.

Isso é feito no primeiro capítulo do trabalho. Partindo da constatação da existência majoritária das mulheres nas igrejas cristãs, em destaque nas protestantes, a autora relê algumas obras dando visibilidade aos personagens femininos. Na atuação do primeiro “pastor brasileiro” consagrado, o ex-padre José Manoel da Conceição, por

⁴ Para dar apenas um exemplo, lembramos que a importante revista *History and Theory* foi fundada no final da década de sessenta e no Brasil a principal publicação da área (*Revista de História da Historiografia*) começou a ser publicada apenas em 2008.

exemplo, ela encontra várias mulheres sendo batizadas, inclusive a cunhada e a irmã do reverendo (RIBEIRO, 2008, p.23). São mulheres de diversas idades e profissões diferentes, algumas trazidas pelo marido, mas ocorreu muitas vezes o inverso. Portanto, foram protagonistas na expansão da mensagem protestante, o que foi destacado pelo primeiro historiador científico do tema, o francês Emile Leonard⁵.

O destaque mais tradicional nas memórias protestantes, contudo, não são essas mulheres simples, mas as missionárias e esposas dos missionários. Elas são muitas, e não cabe aqui destacar seus nomes, mas ressaltar que na esfera eclesial e no campo educacional tiveram grande importância para o estabelecimento das igrejas. O olhar da autora, destarte, se dirige para as entrelinhas documentais e para os rostos invisibilizados nos lugares de memória oficiais.

Esse tema da inserção e do estabelecimento das igrejas tem sido um tema retomado com constância nas pesquisas. A *origem* é sempre retomada para que se ressalte uma diferença, um outro fundamento. Um exemplo disso é a tese de João Marcos Leitão Santos, *A ordem social em crise: a inserção do protestantismo em Pernambuco (1860-1891)*. A pesquisa, bem fundamentada nas fontes documentais, não quer ressaltar um grupo específico, mas apontar o que o autor chama de “aparato ideológico” trazido pelos missionários e adaptado pelos que aderiram à mensagem evangélica. Ele reforça o caráter conflitivo da estratégia elaborada pelos protestantes, bem como as reações intensas da liderança católica, o que marcou a identidade desses grupos nos fins do século XIX. Sugere um pouco mais: a diferença protestante não apenas soube aproveitar o momento de “crise” do Império brasileiro, mas sua cosmogonia foi agente motivador em sua queda. Combatendo o arcabouço autoritário formado pelo catolicismo e pelo positivismo, os grupos protestantes valorizavam o indivíduo, a democracia e a liberdade de opção (2008, p.25 e 31).

Outra maneira de adentrar na área da história das ideias é exercitada por Eber Ferreira Silveira Lima, na tese intitulada *Entre a sacristia e o laboratório: os intelectuais protestantes brasileiros e a produção da cultura (1903-1942)*. Ele dá destaque a um pequeno grupo que quis, na segunda geração de evangélicos em São Paulo, conjugar a fé com a produção literária e científica. Mas diferentemente da tese de Santos (2008), citada acima, ele demarca o conservadorismo destes intelectuais. Esse aspecto não se relaciona somente com as origens elitistas do grupo estudado, mas compõe uma estratégia de afirmação do mesmo, como bem percebera Roger Bastide, que conviveu com alguns deles na Universidade de São Paulo. O tradicionalismo ocorre em diversos aspectos significativos:

Primeiro, das formas tradicionais da arte poética da rima e do ritmo, contra o modernismo. Compreende-se a razão disso. É que o protestantismo que defende a disciplina, o controle de si mesmo, a regra, não pode senão amedrontar-se de ver os poetas revoltarem-se contra as regras. Há aí

⁵ Uma boa análise de sua obra e de sua forma de investigar a história encontra-se na tese de doutorado de Tiago Watanabe (2011)

uma passagem da estética para a ética; teme-se dar um papel à liberdade e oportunidade para agir livremente, pois ela poderá acabar, por contágio, destruindo, também, os alicerces morais. Em segundo lugar, apresenta-se o puritanismo da língua. Várias razões agem nesse caso. Primeiramente, o desejo de mostrar que o protestantismo brasileiro não é de origem norte-americana, mas que continua o protestantismo lusitano, o que é verdade por serem muitos pastores de origem portuguesa. Mas a razão principal deve ser procurada no medo, baseado na opinião de que a liberdade deixada à vontade num setor, acabará por se irradiar por todos os lugares, na idéia de que a disciplina só se adquire pelo exercício, que o exercício da disciplina lingüística, por consequência, ajuda a tornar-se dono de si mesmo. Saber controlar suas palavras, sua sintaxe, seguir escrupulosamente as regras gramaticais já é um primeiro controle da vida interior, pois não se pode pensar senão através da linguagem. Nisto o sociólogo encontra ainda a ligação entre o protestantismo e a classe média tradicional, que se separa do povo com o qual poderia ser confundida pelo seu nível de vida, às vezes muito baixo, utilizando justamente como barreira a pureza da língua lusitana. A boa linguagem e os bons costumes constituem a fronteira, algumas vezes agressiva na sua apresentação, dessa pequena burguesia, que habita as chamadas residências modestas (apud FERREIRA, 2008, p.147)

Há na citação dois traços importantes para a tese em questão. O primeiro é esse desejo intenso de inserir-se na sociedade, sem ser discriminado pela diferença na identidade religiosa, traço que ainda hoje se vê na sociedade brasileira. O segundo é a demarcação das fronteiras pelos padrões rígidos de comportamento – a disciplina tão ressaltada por Weber e também por Bastide – o que poderia fortalecer o estudo e carreira acadêmica, mas permaneceu como exceção. Certamente, ao produzir sua tese, Eber Ferreira endossou esse esforço, demonstrando a importância que tiveram.

Esse grupo intelectual protestante, afinal, criou revistas de divulgação - de “cultura religiosa” chama o autor - com uma boa circulação, no intuito divulgar tais crenças e valores. Contudo, a própria elite eclesiástica refreou esse tipo de iniciativa, por considerar a postura mais dialogal com a sociedade algo perigoso. O resultado foi um fenômeno comum no campo protestante: a cissiparidade que cria um novo grupo religioso (a Igreja Cristã de São Paulo, no caso). Lembramos que esse período dos anos 20 e 30 do século passado foi igualmente marcado pelo surgimento de uma

intelectualidade militante católica, que combatia o *ethos* do protestantismo (PAULA E RODRIGUES, 2012).

O ideal de evangelizar o país aparece como uma constante. As estratégias construídas estão sempre girando em torno dessa meta, apontam os estudos, seja com os missionários estrangeiros, seja com as lideranças brasileiras. Um exemplo interessante é apresentado pela tese de Michele Pereira da Silva Rossi, intitulada “Dedicado à glória de Deus e ao progresso humano”: a gênese protestante da Universidade Federal de Lavras (1892-1938). O trabalho se insere na história da educação, demonstrando como a salvação das pessoas, as instituições educacionais e o progresso nacional eram buscados pelas missões aqui estabelecidas.

Um interessante fato demonstrado no trabalho é a tentativa de criação de uma Universidade Evangélica de caráter interdenominacional, reunindo grupos educativos de São Paulo e Minas. Como a proposta concreta é de 1928, e segundo a autora tinha apoio de lideranças republicanas (2012, p. 137), seria a primeira universidade do Brasil, caracterizada pela intenção de formar a juventude dentro de um padrão ético e uma cosmovisão protestante. Então, a autora reforça as contribuições dos evangélicos com a modernização da nação brasileira.

Essa outra constante nos trabalhos é uma ideia bem antiga, surgida desde os tempos da Reforma e cultivada na literatura de matriz protestante. Contudo, não é uma equação tão simples, como demonstra o estudo clássico de Troeltsch (2005). As relações com a economia capitalista, com a democracia, com a ciência e até com o individualismo modernos possuem “afinidades eletivas” com aspectos do protestantismo, mas também muitas divergências⁶. Tal relação surgiu de escritos apologeticos e, posteriormente, acabou por ser incorporada pela sociologia e pela historiografia.

Renovando as fontes

Os trabalhos comentados até aqui utilizam fontes tradicionais e que, até certo ponto, se repetem. São publicações, periódicos, atas das igrejas, livros de memórias e a literatura oficial produzida pelos grupos. Como último tópico deste artigo, é importante, então, comentar algumas novas fontes para problemas emergentes na historiografia.

Um caso interessante é o desenvolvimento de estudos acerca da “leitura protestante”. Reconhecido como um “povo do livro”, referência principal à posse da Bíblia como traço identitário, esta abordagem inquirere a documentação tradicional com um novo olhar. Os modos de ler um texto estão totalmente imbricados aos modos de ler o mundo, como indica a perspectiva lançada por Roger Chartier (1990).

A tese de Karla Janaina Costa Cruz, intitulada *Cultura impressa e prática leitora protestante no oitocentos* explora essa relação. Relação fundamental para a compreensão do mundo protestante. Desde o surgimento da Reforma, a cultura escrita e a fé tiveram uma relação íntima. No Brasil, com tantos escravos e enorme índice de analfabetismo, ocorreu um esforço imenso para que o acesso ao livro fosse constante. Daí as distribuições de

⁶ Uma boa visão das ideias e da forma de pensar de Troeltsch, mais acessível que a obra, é o artigo de Sérgio da Mata (2008).

bíblias gratuitamente, ou venda a preços módicos, os folhetos distribuídos, a produção de jornais e a presença permanente de artigos nos periódicos seculares de grande circulação. Essa produção visava não somente a divulgação doutrinária, claro, mas criar modos de interpretar a sociedade (2014, p.29).

Paralelamente, há o estabelecimento de escolas para ensinar a ler e ensinar a Bíblia. O testemunho de Christina Faulhaber, aluna dos primeiros missionários estabelecidos no país e fundadores da primeira igreja evangélica em língua portuguesa, é significativo. Ela trata das atividades do casal Kalley em Petrópolis, no Rio de Janeiro:

Quando eu tinha a idade de sete anos, em 1856 ou mesmo no começo de 1857, frequentava a classe bíblica do Dr. Robert Kalley em Petrópolis, em sua chácara na Rua Joinville, hoje Ypiranga. Reuniam-se ali, das duas ou três as quatro horas da tarde, aos domingos, para o estudo da Bíblia, sentados a volta de uma mesa grande, na sala de jantar, cerca de trinta ou quarenta alemães, meninos e meninas, em sua maioria, cada um trazendo seu novo testamento. Quem levasse decorado três versículos, recebia um cartãozinho com texto bíblico; quem conseguisse adquirir dez cartãozinho, recebia um cartão maior, e quem conseguia três maiores, recebia um livro. Em todas as ocasiões cantavam-se hinos. A saída, encontrávamos os que viam para o estudo bíblico em português... (apud 2014, p.192)

Com esse tipo de atuação, e os missionários Kalley são somente um exemplo, a autora propõe que o protestantismo criou todo um “sistema literário”, formado por editores, gráficas, obras e, em especial, o público formado para esse tipo de leitura, ainda no século XIX (2014, p.215). Não é necessário reforçar que esse aspecto seria distinto do mundo católico, que também tinha relações com a cultura escrita na mesma época.

Outro destaque pertinente ao campo protestante, desde o século XVI, é a importância da música. A dissertação de Esdras Gusmão de Holanda Peixoto, *Pentecostalismo e imaginário: rupturas e continuidades na hinologia pentecostal na passagem da modernidade para a pós-modernidade* tratou do tema, relacionando-o com as transformações teológicas dos pentecostismos no Brasil recente.

O autor parte do princípio que as canções evangélicas são um poderoso suporte de ideias, conceitos e símbolos, moldando o comportamento dos fiéis. Percebe-as como um poderoso instrumento pedagógico e também como uma ferramenta cognitiva de mundo. Então, é preciso superar as análises discursivas, de teor mais racionalista, focando mais nas imagens e emoções provocadas.

Nesse ponto há um avanço se pensarmos no estudo hoje clássico de Antonio Gouveia de Mendonça (1994). Além da mudança metodológica, incorporando elementos

além do nível racional, vê-se que a tipologia ali esboçada⁷ caracterizou uma época inicial, mas hoje não seria tão válida (cf. PEIXOTO, 2008, p.109). Como exemplo, ele cita uma canção do conjunto Toque no Altar:

As adversidades são reais/ Eu posso enfrentar oposições/
Mas se o Senhor agir/ Quem poderá impedir sua mão forte/
Eu não quero mais viver só de milagres/ Quero viver as promessas que Ele preparou para mim/ ... Jesus vem me restituir/ Jessus, eu confio em ti... (apud PEIXOTO, 2008, p.135)

Em sua avaliação das mudanças ocorridas, conclui que os cânticos “possuem enorme sintonia com o ambiente pós-moderno” e com a “sociedade de consumo” (PEIXOTO, 2008, p.135). Claro que a essa mudança não tão é abrupta e elementos da espiritualidade milenarista, enfatizada por Mendonça (1994), permanecem vivos. Ressaltamos, entretanto, que a diferença protestante torna-se relativizada nos estudos que enfocam as transformações mais recentes.

Esse é o caso da “cultura gospel”, expressão divulgada a partir da tese de Magali do Nascimento Cunha, intitulada “Vinhos novos em odres velhos”: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil”. O trabalho foi defendido na área de Ciências da Comunicação, e poderia ficar ausente desta análise, mas gerou um impacto positivo nas investigações, abrindo chaves interpretativas acerca da presença evangélica no Brasil recente.

Com o termo cultura gospel, a autora pretende captar um fenômeno *híbrido*, um estilo de viver a religiosidade que progressivamente ganha espaço na sociedade e na mídia nas últimas décadas. A hibridização se dá entre valores tradicionais, expressos pela cosmovisão protestante, geralmente de teor conservador, e a modernização cultural expressa pela midiaticização e a espetacularização das relações sociais. O termo *gospel*, portanto, não é a tradução de evangelho em inglês, transcendendo inclusive o campo do protestantismo (2004, p.22). Em síntese, Magali Cunha escreve:

O termo gospel é aqui mantido para definir esse modo de vida porque emerge do movimento que ganhou corpo nos anos noventa. Essa produção de cultura alcançou uma amplitude que perpassa, senão todas, a grande maioria das igrejas e denominações evangélicas brasileiras. Tal constatação permite afirmar que o que ocorreu na passagem do século XX para o século XXI no cenário religioso

⁷ Mendonça (2008) reforça a ética individualista, puritana, ascética e espiritual do protestantismo brasileiro. Os hinos são classificados a partir de sua mensagem petista, de uma igreja peregrina, da mentalidade guerreira e a esperança milenarista. A nosso ver, alguns desses traços permanecem, mas foram ressignificados na atual conjuntura religiosa.

evangélico foi a explosão da cultura gospel, que se constitui num marco histórico deste sentimento religioso. Esse marco se justifica pelo fato de essa expressão cultural dar visibilidade: 1) à consolidação da hegemonia do pentecostalismo no cenário evangélico; 2) à busca de modernidade e inserção dos evangélicos na lógica social; 3) a transformações na forma de cultura e na ética de costumes de um significativo número de igrejas, especialmente aquelas que compõem o segmento histórico de missão; 4) ao lugar do capitalismo globalizado no cenário religioso contemporâneo.

Importante para nossa argumentação, além da ampla utilização de diferentes fontes (revistas evangélicas, CD's, programas televisivos, dados das empresas comerciais, sites, etc), é a relativização da diferença ocorrida nos últimos anos. Não acreditamos em seu apagamento, ou numa adequação simplesmente ao mercado de consumo, mas na demarcação de nova economia de relação com alteridade. Essa forma de construção identitária, ou seja, modos de filtrar ou rejeitar diferenças sócio-culturais proclamados pelos grupos de matriz protestante, já gerou diversos conflitos, debates intensos nos meios de comunicação, desde, ao menos, o episódio do “chute da santa”, analisado por Joanildo Burity⁸. Os que antes portavam crenças *estrangeiras* e se sentiam perseguidos pretendem, no Brasil recente, tornarem-se hegemônicos nos conflitos pertinentes à esfera pública democrática.

Considerações finais

A produção científica na pós-graduação tem regras rígidas, tanto na regulação dos produtos gerados pelos discentes, quanto nas formas de financiamento. Considerando os parâmetros desta *ciência normal*⁹, apontamos que certa perspectiva advinda da matriz protestante dos pesquisadores e pesquisadoras permanece vigente na historiografia ali gerada. Isso tem modalizado a escrita histórica da presença protestante no país. O crescimento em termos populacionais, a presença social e política, bem como o impacto cultural dos evangélicos tem modificado esse aspecto. A produção do conhecimento histórico, como se sabe há tempos, é “filha do presente” e construída a

⁸ O autor comenta que os pentecostais e neopentecostais rompem com o padrão sincretístico brasileiro e com a hierarquização das diferenças, substituindo-o por uma lógica antagônica: “Os pentecostais, neste contexto, surgem como um sintoma social da impossibilidade do sincretismo como mecanismo de regulação da diferença (religiosa) no país. Sua agressividade evangelística; sua intransigência à composição; sua inovação em termos da relação entre fé e dinheiro e da visão eclesiológica empresarial (neopentecostais) são algumas das características [...] que expõe e se nutre da crise do modelo de segmentação vertical/assimilação hierárquica ainda vigente no país” (1997, p.69-70).

⁹ Na conceituação de Thomas Kuhn, a ciência normal é caracterizada por um modelo epistemológico predominante na comunidade científica que cria forte tenacidade e acriticismo quanto as provas que apresenta (cf. JACOBINA, 2000).

partir da tensão presente-passado-futuro (cf. BRAUDEL, 1952). A diferença proclamada, portanto, não se esvai com a expansão para esses novos espaços, mas ganha dimensões inusitadas. O balanço aqui apresentado visa apenas perquirir alguns dos caminhos de estudo destes sujeitos históricos, já abertos teoricamente e metodologicamente, que podem ser percorridos por outros. Certamente, novas paisagens surgirão.

Referências

- ALVES, Rubem. *O suspiro dos oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. O campo religioso. In: *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BURITY, Joanildo A. *Identidade e política no campo religioso*. Recife: Editora Universitária UFPE, 1997.
- CERTEAU, Michel de. A beleza do morto. In: *A cultura no plural*. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- CHARTIER, Roger. *História cultural – entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CUNHA, Magali Nascimento. *“Vinhos novos em odres velhos”: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil*. Tese de doutorado em Ciência da Comunicação. São Paulo: USP, 2004.
- CRUZ, Karla Janaina Costa. *Cultura impressa e prática leitora protestante no oitocentos*. Tese de doutoramento em linguística. João Pessoa: UFPB, 2014.
- DEIROS, Pablo. *Historia del cristianismo en America Latina*. Buenos Aires: FTL, 1992.
- Eber Ferreira Silveira Lima. *Entre a sacristia e o laboratório: os intelectuais protestantes brasileiros e a produção da cultura (1903-1942)*. Tese de doutorado em História. São Paulo: UNESP, 2008.
- HOLLENWEGER, Walter. *El pentecostalismo: historia y doctrinas*. Buenos Aires: la Aurora, 1976.
- MATA, Sérgio da. Religião e modernidade em Ernst Troeltsch. *Tempo Social*, 2008, vol. 20, num.2, p.235-255.
- MENDONÇA, Antonio Gouveia de. *O celeste porvir*. 3ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- PAULA, Cristhiane J. e RODRIGUES, Cândido M (orgs.). *Intelectuais e militância católica no Brasil*. Cuiabá: Editora da UFMT, 2012.
- PEIXOTO, Esdras Gusmão de Holanda. *Pentecostalismo e imaginário: rupturas e continuidades na hinologia pentecostal na passagem da modernidade para a pós-modernidade*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Recife: UNICAP, 2008.
- RIBEIRO, Margarida Fátima de Souza. *Rastros e rostos do protestantismo brasileiro: uma historiografia de mulheres metodistas*. Tese de doutoramento em Ciências da Religião. São Paulo: UMESP: 2008.
- ROSSI, Michele Pereira da Silva. *“Dedicado à gloria de Deus e ao progresso humano”: a gênese protestante da Universidade Federal de Lavras (1892-1938)*. Tese de doutorado em Educação. Uberlândia, MG: UFU, 2012.

- SANTOS, João Marcos Leitão. *A ordem social em crise: a inserção do protestantismo em Pernambuco (1860-1891)*. Tese de doutorado em História Social. São Paulo: USP, 2008.
- TROELTSCH, Ernst. *El protestantismo y el mundo moderno*. México: Fondo de Cultura, 2005.
- WATANABE, Tiago. H. *Escritos nas fronteiras – os livros de história do protestantismo brasileiro*. Tese de doutorado em História. UNESP: 2011.
- WERNER, Michal e ZIZERMANN, Benedicte. Pensar a história cruzada: entre a empiria e a reflexividade. *Textos de história*, vol. 11, num. 1-2, 2003.